

Waldemar Borges de Oliveira Júnior
Rafael Casaes de Brito
(Organizadores)

A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA

possibilidades didático-pedagógicas para a Escola Básica



**A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO DE
CIÊNCIAS E BIOLOGIA:**
**possibilidades didático-pedagógicas
para a Escola Básica**

**WALDEMAR BORGES DE OLIVEIRA JÚNIOR
RAFAEL CASAES DE BRITO
(Organizadores)**

**A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO DE
CIÊNCIAS E BIOLOGIA:
possibilidades didático-pedagógicas
para a Escola Básica**


Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Waldemar Borges de Oliveira Júnior; Rafael Casaes de Brito [Orgs.]

A educação para as relações étnico-raciais no ensino de ciências e biologia: possibilidades didático-pedagógicas para a Escola Básica. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 72p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-625-1819-9 [Digital]

1. Educação para as Relações Étnico-Raciais. 2. Ensino de Ciências e Biologia. 3. Educação Básica. 4. Propostas pedagógicas. I. Título.

CDD – 370/570

Capa: Marcos Della Porta

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2025

APRESENTAÇÃO

Prezado/a leitor/a,

Ao longo da sua história, o Ensino de Ciências e Biologia tem realizado uma espécie de autocontemplação da sua superioridade no campo educacional, político e social, de modo que reafirma a sua origem e fundamento na racionalidade e na convicção de que somente os saberes científicos produzidos pelo lado de cima da linha do equador, são válidos para a compreensão e intervenção no mundo.

Este livro apresenta outras possibilidades didático-pedagógicas para o Ensino de Ciências e Biologia, afim de evidenciar outras formas de produção de conhecimento – ao sul da linha do equador-, evidenciando a luta histórica do Movimento Negro (MN) brasileiro para a inserção e implementação dos estudos acerca das Relações Étnico-Raciais na escolarização formal, cumprindo assim com a da Lei 10.639/2003, tornando obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio.

Os trabalhos aqui apresentados são fruto de uma atividade curricular realizada em um componente obrigatório do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), mais especificamente na disciplina História e Cultura Indígena e Afro-Brasileira (5º período do curso/turma 2020). No final do componente curricular da referida disciplina, os(as) alunos(as) foram divididos em equipes e o docente, o Professor Waldemar Borges de Oliveira Júnior, sugeriu como avaliação final, criação de projetos de intervenção e planos de aulas sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais no Ensino de Ciências e Biologia. É digno de nota, pontuar que a ideia deste livro, também parte dos argumentos da produção de Wilma

Coelho, Carlos Silva e Nicelma Brito (2017)¹ que dialogam sobre projetos de intervenção escolar para o Ensino Fundamental.

Nesse aspecto, o livro encontra-se organizado em duas partes: a primeira parte destina-se a apresentar os projetos de intervenção escolar para a Educação Básica e a segunda parte apresenta possibilidades de planos de aula para a Educação Básica.

Prof. Dr. Waldemar Borges de Oliveira Júnior

Professor Adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
(UNIFESSPA)

Prof. Me. Rafael Casaes de Brito

Estudante de Doutorado em Ensino pela Rede Nordeste de Ensino
(RENOEN-PPGEEn/UESB)

¹ COELHO, Wilma de Nazaré Baía; SILVA, Carlos Aldemir Farias da; SOARES, Nicelma Josenila Brito (Orgs.). **Relações Étnico-Raciais para o Ensino Fundamental**: projetos de intervenção escolar. São Paulo: Livraria da Física, 2017 (Coleção formação de professores e étnico-raciais).

PREFÁCIO

Foi a partir da observância das desigualdades baseadas nas diferenças dos corpos humanos, em meados do Século XV, que o racismo “iniciava um ensaio” para se estruturar na sociedade. Os naturalistas da época se valeram de aspectos das Ciências da Natureza para classificar a espécie humana em grupos superiores e inferiores, levando a população negra para um lugar ontológico de escravidão e inferiorização de seu intelecto. Eis o racismo que se estrutura em nossa sociedade.

Posteriormente, com o avanço dos estudos no campo da Genética, foi constatado que elementos genotípicos que caracterizam o fenótipo das pessoas não eram suficientes para decidir o destino físico, social, econômico e intelectual dos povos que foram marginalizados como consequência do racismo enquanto ideologia que estabelece preconceitos, discriminação e mata corpos negros e indígenas no Brasil.

Neste sentido, a sociedade provocada pelos movimentos sociais negros e indígenas vem “correndo atrás do prejuízo”, assumindo o seu papel na luta antirracista. Em meio aos agentes que contribuem para esta ação, temos a educação escolar. Entre 2003 e 2008 a Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional foi alterada e modificada, trazendo a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena (Lei 10.639/2003 e Lei 11.645/2008). Assim, surge a necessidade da Ciências da Natureza assumir a reparação histórica com a população negra e os povos indígenas no que se refere à promoção de práticas pedagógicas de viés antirracista.

Para que isso seja possível, é preciso um olhar atencioso e crítico para a formação docente, materiais didáticos, gestão escolar e processos de ensino e aprendizagem que subsidiam as práticas pedagógicas na escola. Portanto, este material vem contribuir para

o planejamento e práticas de professores e professoras que atuam na Educação Básica brasileira, trazendo processos de didatização da temática das relações étnico-raciais no campo das Ciências da Natureza.

Esta obra, organizada pelos professores Waldemar Borges de Oliveira Júnior e Rafael Casaes de Brito, encontra-se dividida em duas partes, sendo a de número uma destinada à apresentação de quatro projetos de intervenção escolar para a Educação Básica que foram devidamente orientados pelos professores-organizadores do material. O primeiro deles é intitulado **“Assim como os espinhos, expressões racistas machucam”** de autoria da Ângela de Moura, Jesliane de Souza e Raline Alencar; e destina-se a abordar ideias sobre diversidade, desigualdade e discriminação de cunho étnico-racial, buscando proporcionar reflexões e ações no cotidiano escolar para combater e minimizar as expressões racistas “naturalizadas no nosso vocabulário brasileiro”.

“Valorização da cultura afro-brasileira no ensino fundamental do ensino básico brasileiro” é mais um projeto de intervenção que tem como autoria a Ellen de Castro, Carolina de Carvalho e a Cristhielis de Alcântara. O referido projeto busca promover uma educação antirracista que valorize os diferentes marcos civilizatórios em que é constituída a população afro-brasileira, reconhecendo os saberes e grandes invenções científico e tecnológicas do continente africano.

O terceiro capítulo foi produzido por Erllekenley Ribeiro e Railane de Brito e apresenta o projeto **“Qualificação pedagógica para o trato das relações raciais e desconstrução do racismo na escola”**, cujo foco é dispor de uma proposta de qualificação para docentes e equipe pedagógica de uma instituição pública, direcionando para a identificação do racismo e preconceito de cunho étnico-racial.

Por fim, mas não menos importante, as autoras Jusleny Silva, Nathalia Belfort e Sivonete Silqueira buscam valorizar e reconhecer a cultura, história e contribuições dos povos indígenas no Brasil, por meio de uma educação intercultural que fomente o respeito à

diversidade e o combate ao preconceito no âmbito escolar através do projeto **“A inclusão dos povos indígenas no ambiente escola”**.

Como complemento aos projetos de intervenção, a obra dispõe da parte dois que apresenta um conjunto de planos de aula destinados a processos de ensino e aprendizagem das Ciências da Natureza em escolas da Educação Básica. São planos de aulas que, assim como os projetos de intervenção, somam forças para educar para as relações étnico-raciais diante da carência por um melhor entendimento da Didática das Ciências para o que propõe a Lei 10.639/2003 e a Lei 11.645/2008.

Ellen de Castro, Carolina de Carvalho e Cristhielis de Alcântara, sob orientação dos professores Waldemar Oliveira Júnior e Rafael de Brito, apresentam o plano de aula **“Ciências e relações raciais: perspectivas para uma valorização da cultura afro-brasileira”** destinado ao 9º Ano do Ensino Fundamental. O objetivo das autoras é corroborar nas desconstruções de ideias estigmatizadas veiculadas à população afro-brasileira na intenção de promover o conhecimento científico e tecnológico de pessoas negras no ambiente escolar.

“Diálogos sobre o racismo no Brasil” é o plano de aula de autoria da Erllenkeley Ribeiro e da Railane de Brito que tem como contexto as aulas de Ciências da Natureza no 7º Ano do Ensino Fundamental. As autoras buscam, por meio da proposta de aula, contribuir na desconstrução da discriminação, preconceito e do racismo estrutural e científico no cenário escolar.

O terceiro plano de aula é intitulado **“Noções conceituais sobre relações étnico-raciais no ensino fundamental”**. Nele, as autoras Angela de Moura, Jesliane de Souza e Raline Alencar objetivam proporcionar reflexões sobre a importância do respeito à diversidade étnico-racial, propiciando debates sobre o reconhecimento das diferenças na sociedade por meio das aulas de Ciências da Natureza em turmas do 6º Ano do Ensino Fundamental.

“Aspectos fundamentais sobre as relações étnico-raciais no ambiente escolar público” é o quarto plano de aula que compõe a

obra em tela e tem como autoria as professoras Jusleny Silva, Sivonete Silqueira e Nathalia Belfort. Destinado às aulas de Ciências do 6º Ano do Ensino Fundamental, as autoras propõem uma apresentação das dimensões sobre os povos indígenas e a relação com a branquitude.

No mais, quero deixar registrado de modo escrito a minha alegria e satisfação em prefaciar um material desta natureza, que nos traz possibilidades de abordar as questões étnico-raciais em nossas aulas de Ciências em um período em que ainda se questiona sobre como ensinar as histórias e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas em um movimento antirracista nas aulas de Ciências.

Você, prezado/a leitor/a, está acessando um material rico em propostas didáticas que te ajudará a (re)pensar a sua prática docente e (re)planejar as suas aulas de Ciências da Natureza se valendo da discussão da temática étnico-racial. Desejo uma boa leitura!

Cajazeiras-PB, dezembro de 2024.

Prof. Dr. Joaklebio Alves da Silva

Professor Adjunto do Centro de Formação de Professores (CFP)
da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

SUMÁRIO

PARTE I - PROJETOS DE INTERVENÇÃO ESCOLAR PARA A ESCOLA BÁSICA

ASSIM COMO OS ESPINHOS, EXPRESSÕES RACISTAS MACHUCAM Ângela Costa de Moura Jesliane Freitas de Souza Raline Silva Alencar Waldemar Borges de Oliveira Júnior Rafael Casaes de Brito	15
VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL DO ENSINO BÁSICO BRASILEIRO Ellen Thaís Pereira de Castro Carolina Souza de Carvalho Cristhielis Freitas de Alcântara Waldemar Borges de Oliveira Júnior Rafael Casaes de Brito	23
QUALIFICAÇÃO PEDAGÓGICO PARA O TRATO DAS RELAÇÕES RACIAIS E DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO NA ESCOLA Erllenskeley Angelo Ribeiro Railane Carolina Soares de Brito Rafael Casaes de Brito Waldemar Borges de Oliveira Júnior	33
A INCLUSÃO DOS POVOS INDÍGENAS NO AMBIENTE ESCOLAR Jusleny Oliveira Silva Nathalia Maciel Belfort Sivonete Ferreira Silqueira Waldemar Borges de Oliveira Júnior Rafael Casaes de Brito	43

PARTE II - PLANOS DE AULA PARA A ESCOLA BÁSICA

CIÊNCIAS E RELAÇÕES RACIAIS: PERSPECTIVAS PARA UMA VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA Ellen Thais Pereira de Castro Carolina Souza de Carvalho Cristhielis Freitas de Alcântara Waldemar Borges de Oliveira Júnior Rafael Casaes de Brito	55
DIÁLOGOS SOBRE O RACISMO NO BRASIL Erllennekeley Angelo Ribeiro Railane Carolina Soares de Brito Waldemar Borges de Oliveira Júnior Rafael Casaes de Brito	59
NOÇÕES CONCEITUAIS SOBRE RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL Angela Costa de Moura Jesliane Freitas de Souza Raline Silva Alencar Waldemar Borges de Oliveira Júnior Rafael Casaes de Brito	63
ASPECTOS FUNDAMENTAIS SOBRE A RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS NO AMBIENTE ESCOLAR PÚBLICO Jusleny Oliveira Silva Sivonete Ferreira Silqueira Nathalia Maciel Belfort Waldemar Borges de Oliveira Júnior Rafael Casaes de Brito	67
SOBRE OS ORGANIZADORES	71

PARTE I

PROJETOS DE INTERVENÇÃO ESCOLAR PARA A ESCOLA BÁSICA

ASSIM COMO OS ESPINHOS, EXPRESSÕES RACISTAS MACHUCAM

Ângela Costa de Moura¹

Jesliane Freitas de Souza²

Raline Silva Alencar³

Waldemar Borges de Oliveira Júnior⁴

Rafael Casaes de Brito⁵

1. INTRODUÇÃO

O presente projeto de intervenção tem como foco principal abordar ideias sobre diversidade, desigualdade e discriminação que vêm ocupando um espaço significativo em diferentes setores da sociedade, incluindo aqueles voltadas para área da educação. Tendo em vista que “[...]o preconceito racial já está enraizado

¹ Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

² Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

³ Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

⁴ Professor Adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Doutor em Educação em Ciências e Matemáticas (UFPA). É Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais e Ensino de Ciências e Biologia (GEPRREC/UNIFESSPA) e pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais (Núcleo GERA-NEAB/UFPA).

⁵ Estudante de Doutorado em Ensino pela Rede Nordeste de Ensino (RENOEN) vinculado ao Programa de Pós Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGen/UESB). Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade (UESB). Membro do Grupo de Pesquisa Ensino, Currículo, e Formação de Professores e pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais e Ensino de Ciências e Biologia da UNIFESSPA (GEPRREC/UNIFESSPA).

dentro de uma cultura que se faz presente desde a formação do sujeito, o qual através de seus laços com o social vivencia desde cedo maneiras inofensivas, ou até mesmo sutis de fomentar a desigualdade entre os indivíduos[...]” (Datsch, 2020, p. 8).

As expressões racistas estão impregnadas no vocabulário brasileiro. Quem nunca? Já teve o desprazer de ouvir algumas expressões ditas com o objetivo de agredir uma pessoa, como “cabelo de bombрил”, “serviço de preto”, todas essas expressões refletem o racismo. “O racismo se revela de diversas formas em nossa sociedade.” (Defensoria Pública do Estado da Bahia, 2021, p. 6). O racismo se materializa quando é utilizado termos, estigmas, piadas racistas, comentários pejorativos. Além de reproduzirem um discurso racista, ao identificarem a negritude como marcador de identidade social, afetam o bem estar das pessoas negras.

Algumas expressões podem até não ter origem racista, mas os usos e a resignificação podem ser usados com finalidade racistas. Conhecer as expressões preconceituosas, trata-se de uma discussão necessária que segue em busca de uma cultura que preserve e valorize a igualdade de direitos, considerando a diversidade como condição para a construção e a existência de uma sociedade justa.

Trabalhar com a educação e diversidades na escola, significa promover educação em valores desde a educação infantil até a idade jovem, por meio de experiências de respeito mútuo que incluam a todas e todos que fazem parte dela. Trata-se de fazer do convívio escolar e dos próprios processos de ensino aprendizagem ocasiões para vivenciar valores como dignidade, liberdade, solidariedade, igualdade, equidade, justiça e paz, que tem como pressuposto condição essencial a prática do respeito entre todos nas comunidades escolar.

A educação é um processo longo e complexo, que não se limita ao espaço da sala de aula, nem tampouco a relação entre os professores e os alunos. Podemos dizer que todo e qualquer sujeito envolvido na rotina escolar estão comprometidos com o fazer educativo e compõe com os demais uma grande rede de relações em que todas as ações podem ser consideradas

educativas, pois a educação acontece em todos os espaços e momentos do cotidiano escolar. Funcionários, gestores, coordenadores pedagógicos e também professores que circulam pela escola em diferentes situações. Assim, todos ao se relacionar com os alunos, exercem influência educativa pelo modo como realizam o seu trabalho, pela forma como se relacionam entre si e com os alunos, pelos valores com que orientam as suas práticas e as suas atitudes (Nascimento, 2020).

2. JUSTIFICATIVA

Trabalhar as Relações Étnico-Raciais no Ensino de Ciências no Ensino Fundamental é crucial para promover uma educação inclusiva e diversificada. A ciência, enquanto campo do conhecimento, é profundamente influenciada pelas diferentes culturas e contextos históricos das sociedades que a desenvolvem, desse modo, ao integrar as relações Étnico-Raciais no currículo de Ciências, os alunos têm a oportunidade de compreender a contribuição de diferentes grupos Étnicos e Raciais para o avanço científico e tecnológico, desmistificando estereótipos e promovendo um ambiente de aprendizado mais igualitário. Além disso, essa abordagem ajuda a desenvolver o pensamento crítico dos alunos, permitindo que eles reconheçam e questionem as desigualdades e preconceitos presentes na sociedade, formando cidadãos mais conscientes e respeitosos.

3. OBJETIVOS

3.1 Geral

- Proporcionar reflexões e ações no cotidiano escolar para combater e minimizar as expressões racistas “naturalizadas no nosso vocabulário brasileiro”.

3.2 Específicos

- Estimular nos alunos a criação de um vocabulário positivo, que demonstra o respeito às diversidades e a cultura afro-brasileira.
- Sensibilizar para mudanças de atitudes e respeito às diferenças que existem em cada pessoa.

4. PÚBLICO ALVO

O projeto em tela, será desenvolvido com os alunos do Ensino Fundamental II, das séries do 6º, 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental de uma instituição pública localizada no município de São Félix do Xingu.

5. APORTE TEÓRICO E METODOLÓGICO

O Projeto de Intervenção: Assim como os espinhos, expressões racistas machucam, será realizado em São Félix do Xingu, município situado no sul do estado do Pará. O município apresenta uma população de 91.340 pessoas segundo o último levantamento do censo do IBGE (2010), esses habitantes são distribuídos entre áreas urbana, e rural, cuja população é composta por várias etnias. O IBGE aponta um total de 12.307 matrículas no ensino fundamental no ano de 2021.

O projeto de intervenção será realizado ao longo de 4 meses, em parceria com uma escola da rede pública, que oferta o Ensino Fundamental na área urbana do município. Com o intuito de conhecer a escola e apresentar o projeto, será realizada visitas e entrevistas, com o corpo técnico escolar (diretores, professores e dentre outros), buscando obter informações relacionadas às suas ações, abordagens em relação à promoção da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER). A iniciativa em aderir ao projeto, parte da unidade educativa de forma espontânea, sem qualquer intervenção externa. Partindo desse ponto, será apresentado o

projeto de intervenção aos alunos em uma roda de conversa em sala de aula, dando ênfase aos conhecimentos prévios dos alunos, além de direcioná-los para a temática que será trabalhada.

Todos os participantes, corpo técnico escolar, alunos e dentre outros do “Projeto de Intervenção: assim como os espinhos, expressões racistas machucam”, serão convidados a assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Durante a execução de todas as atividades do projeto, será feito o registro através de fotografias, vídeos, para se ter registro do projeto e para produção do relatório ao final.

No quadro abaixo, são elencadas as ações propostas, os conteúdos a serem trabalhados e estratégias elencadas para o desenvolvimento do projeto de intervenção.

Quadro 1 – Temáticas que serão abordadas no projeto de intervenção.

AÇÕES	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS
Roda de conversa	Breve histórico sobre a dimensão do racismo e o mito da democracia racial.	Sensibilizar que o racismo já está impregnado em nossa sociedade desde muitas décadas atrás até a atualidade.
Palestra	Políticas Públicas brasileiras sobre Relações Étnico-Raciais; Lei 7.716/1989- Lei do Racismo; Lei 10.639/2003; Decreto 6.872/2009; Lei 12.288/2010.	Examinar as Políticas Públicas no Brasil, com a finalidade de verificar sua aplicação e a relevância para minimizar o preconceito racial. Indagar aos alunos se eles já tinham ouvido falar ou conheciam essas políticas públicas. Perguntar quais contribuições essas políticas trouxeram para a população negra e pedir para os alunos anotarem as suas opiniões.
Oficina	Racismo, preconceito e discriminação! Racismo sutil! Vamos repensar	Apresentar palavras e expressões que estão impregnadas no nosso vocabulário. Será feita a leitura da cartilha – Vamos repensar nosso vocabulário? racismo sutil do Programa Sesc e Senac de Diversidade Trocar experiências vivenciadas do

	nosso vocabulário.	“racismo sutil”, como as piadas racistas, comentários pejorativos e dentre outros.
Sessão de cinema	Filme- Estrelas Além do Tempo.	Dialogar sobre o filme com os alunos. Propor aos alunos que identifiquem as linguagens racistas presentes no filme.
Café Científico	Invenções Científico - Tecnológicas de pessoas negras.	Apresentar aos alunos invenções científicas tecnológicas que foram feitas por pessoas negras com base no livro História Preta Das Coisas: 50 Invenções Científico-tecnológicas de Pessoas Negras da autora Bárbara Carine Soares Pinheiro.

Fonte: Elaboração dos autores (2024)

As temáticas e estratégias do projeto, apenas foram pensadas e arquitetadas, após a imersão nos estudos da literatura especializada, que em muito, corroborou nas reflexões da temática, destacamos aqui neste momento, as pesquisas de Anjos (2023), Datsch (2020), Coelho (2005), Munanga (2019), Oliveira Júnior e Silva (2023)

6. ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

Quadro 2 – Atividades que serão abordadas no projeto de intervenção

ANOS	ATIVIDADES
6º e 7º anos	Construir cartazes destacando os cientistas negros e invenções científicas tecnológicas feitas por pessoas negras.
6º e 7º anos	Produzir uma cartilha que será denominada “Stop Racism”, em busca de conscientizar a população brasileira sobre o uso de expressões racistas. Onde serão usadas na cartilha, imagens ilustrativas desenhadas pelos próprios alunos.
8º e 9º anos	Os alunos irão escrever e apresentar um teatro sobre as explosões racistas.
8º e 9º anos	Produzir um jogo de substituição de palavras. Para cada situação em que se utilizaria uma das expressões racistas, vamos pensar em utilizar outras não racistas; Para produzir o jogo será feita a leitura do “Dicionário de expressões (anti)racistas: e como eliminar as micro agressões do cotidiano”, e da cartilha “Vamos repensar nosso vocabulário? racismo sutil”.

Fonte: Elaboração dos autores (2024)

Após a conclusão das atividades desenvolvidas pelos alunos, será feito um evento, onde serão convidados os pais ou os responsáveis dos estudantes para participarem e prestigiarem suas atividades desenvolvidas. No evento estarão expostos os cartazes destacando os cientistas negros e invenções científicas tecnológicas feitas por pessoas negras, a cartilha “Stop Racism” estará disponível para serem lidas e será apresentado o teatro feito pelos alunos. O processo avaliativo do projeto será realizado de forma contínua, pela participação e envolvimento dos alunos.

7. RECURSOS E MATERIAIS

Para desenvolver o projeto de intervenção, serão necessários utilizar os seguintes recursos: cartazes, *Google slides*, textos, vídeos, imagens ilustrativas e jogos educativos e dentre outros materiais de consumo.

8. AVALIAÇÃO

A avaliação formativa, com *feedback* contínuo, permite ajustes e melhorias durante o desenvolvimento do projeto. Além disso, a avaliação do processo e do produto final, complementada por autoavaliação e avaliação por pares, oferece uma visão completa das competências adquiridas e das áreas que necessitam de aprimoramento.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Gabriele dos. A questão “cor” ou “raça” nos censos nacionais. **Indic. Econ. FEE**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 103-118, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317973869_A_questao_cor_ou_raca_nos_censos_nacionais. Acesso em: 11 jan. 2022.

BRASIL, Defensoria Pública do Estado da Bahia. **Dicionário de expressões (anti) racistas: como eliminar as micro agressões do**

cotidiano. 1. ed. Salvador: ESDEP, 2021. 30 p. Disponível em: http://www.defensoria.ba.def.br/wp-content/uploads/2021/11/sanitize_231121-125536.pdf. Acesso em: 5 nov.2022.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía. **A cor ausente**: um estudo sobre a presença do negro na formação de professores - Pará, 1970-1989. 2005. 253f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

DATSCH, Roseli. **A herança das relações raciais no Brasil e a contribuição da psicologia em prol da luta anti racial**. 2020. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) – UNIJUÍ, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, Rio Grande do Sul, 2020.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE Cidades. São Félix do Xingu - PA, s/d. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/sao-felix-do-xingu/panorama>. Acesso em: 6 nov. 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: Usos e sentidos - Nova Edição: usos e sentidos. Autêntica; 4ª edição, 2019.

NASCIMENTO, Celinha. **Democracia na escola, educação em direitos humanos**. 4 ed. São Paulo: revista e ampliada, 2020.

OLIVEIRA JÚNIOR, Waldemar Borges de; SILVA, Joaklebio Alves da. **Educação para as Relações Étnico-Raciais e suas múltiplas dimensões no contexto brasileiro**. Itapiranga: Schreiben, 2023.

PARATODOS, Programa Sesc e Senac de Diversidade. Vamos repensar nosso vocabulário? racismo sutil. **Fecomércio RS**: [s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.fecomercio-rs.org.br/home>. Acesso em: 5 nov. 2024.

VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL DO ENSINO BÁSICO BRASILEIRO

Ellen Thaís Pereira de Castro¹

Carolina Souza de Carvalho²

Cristhielis Freitas de Alcântara³

Waldemar Borges de Oliveira Júnior⁴

Rafael Casaes de Brito⁵

1. INTRODUÇÃO

Abordar amplamente e de forma interdisciplinar a importância do papel dos negros/as como protagonistas em grandes invenções científico-tecnológicas na contemporaneidade, tendo como base o livro “História Preta das Coisas” (Pinheiro,

¹ Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

² Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

³ Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

⁴ Professor Adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Doutor em Educação em Ciências e Matemáticas (UFPA). É Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais e Ensino de Ciências e Biologia (GEPRREC/UNIFESSPA) e pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais (Núcleo GERA-NEAB/UFPA).

⁵ Estudante de Doutorado em Ensino pela Rede Nordeste de Ensino (RENOEN) vinculado ao Programa de Pós Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGen/UESB). Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade (UESB). Membro do Grupo de Pesquisa Ensino, Currículo, e Formação de Professores e pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais e Ensino de Ciências e Biologia da UNIFESSPA (GEPRREC/UNIFESSPA).

2021) de modo a estimular uma percepção histórico-cultural africana mais aprofundada pelos alunos em que não se limita apenas ao contexto da escravização, tendo em vista que o conhecimento das turmas acerca da temática se configura como algo sendo bastante superficial, ou seja, precisa ser trabalhado e discutido ao longo do processo de ensino-aprendizagem em todo o ambiente escolar.

Infelizmente, é muito comum em nosso país, jovens em geral terem acesso à história da população africana no mundo apenas a partir do tráfico de seres humanos escravizados (Munanga; Gomes, 2006), comumente chamados de “escravos”, um termo profundamente equivocado, pois remete a uma vinculação ontológica, a uma condição de existência. Entretanto, vale ressaltar que pessoas negras não surgiram no mundo com a escravização e isso implica na necessidade de descolonizar tais saberes, trazendo à tona a perspectiva histórico-cultural africana sob o viés dos próprios povos negros, pois ninguém melhor que eles para preencherem essa lacuna, em decorrência da falta de registros em manuscritos, que se estende no contexto da ancestralidade dos mesmos. Portanto, esse déficit não deve, de forma alguma, ser utilizado como pretexto no âmbito de justificar que, pelo fato de não possuírem tais registros, sejam motivos para taxar o continente berço da humanidade pejorativamente como inferior aos demais no que se refere principalmente a produção intelectual científica-tecnológica, uma vez que é atribuído todo esse crédito à Europa.

Neste sentido, as representações de cientistas reproduzidas em manuais de ciências em geral é a de homens cis, heterossexuais e brancos. [...] (Pinheiro; Rosa, 2018). Segundo Dussel (1993), esta universalização da história é um dos vários mitos da modernidade, faz-se necessário desconstruirmos tais perspectivas visando não só o cumprimento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, assim como das legislações específicas, a exemplo da lei 10.639/2003, mas fundamentalmente resgatar narrativas, produções intelectuais e referências positivas ancestrais.

Na política educacional, a implementação da Lei 10.639/2003, uma das primeiras leis sancionadas pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, significa estabelecer novas diretrizes e práticas pedagógicas que reconheçam a importância dos africanos e afro-brasileiros no processo de formação nacional. Para além do impacto positivo junto à população e da republicanização da escola brasileira, essa lei deve ser encarada como parte fundamental do conjunto das políticas que visam à educação de qualidade como um direito de todos e todas.

Dado ao exposto, o presente Projeto de Intervenção se concretiza como sendo uma alternativa viável no que infere a transformação da percepção superficial e negligenciada das relações étnico-raciais em todo o ambiente escolar, valorizando a cultura e os saberes tradicionais adquiridos ao longo do processo histórico envolvendo o continente africano de modo a desconstruir todo o estigma negativo atribuído à população Afro-brasileira e, dessa forma, despertar a inspiração de todos os alunos com base nas grandes invenções científico-tecnológicas desenvolvidas por grandes pensadores pertencentes a população negra, consolidando a importância do seu reconhecimento. Nessa perspectiva, a Lei 10.639/2003 estará sendo devidamente cumprida conforme o que está explícito em suas diretrizes e práticas pedagógicas.

2. JUSTIFICATIVA

O projeto "valorização da cultura afro-brasileira no ensino fundamental do ensino básico brasileiro" visa promover uma educação que reconheça e valorize as contribuições da população afro-brasileira no desenvolvimento do conhecimento científico. Historicamente, as narrativas sobre ciência têm sido dominadas por perspectivas eurocêntricas, negligenciando as contribuições de outros grupos, especialmente as populações africanas e afrodescendentes. Esse enfoque limitado reforça estereótipos e limita o reconhecimento de diferentes formas de saberes e inovações.

Trabalhar essa temática no ambiente escolar é fundamental para ampliar a visão dos estudantes sobre ciência e cultura, oferecendo um contraponto às narrativas hegemônicas e fomentando a inclusão de diversas perspectivas. A valorização dos saberes afro-brasileiros no campo científico proporciona uma educação mais justa, democrática e plural, além de estimular o respeito às diferenças culturais e étnico-raciais, conforme previsto na Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira.

3. OBJETIVOS

3.1 Geral

- Promover uma educação antirracista e que valorize os diferentes marcos civilizatórios em que é constituída a população afro-brasileira, reconhecendo os saberes e grandes invenções científico e tecnológicas do continente africano.

3.2 Específicos

- Desconstruir mitos acerca da intelectualidade das pessoas negras desde o surgimento da humanidade até os dias atuais, pois eles/as, assim como todos os seres humanos, podem alcançar seus objetivos, visto que todos somos humanos e igualmente potenciais.

- Abordar as Relações Étnico-Raciais como eixo norteador com a finalidade de problematizar padrões impostos de modo a socializar conhecimentos e processos produtivos intencionalmente silenciados e apagados.

- Transformar a realidade acerca da concepção minimalista, restritiva e discriminatória oriunda do pretexto histórico da escravização da população negra no espaço escolar, abordando a temática interdisciplinarmente, ou seja, não só na matéria de História, buscando, por meio de práticas pedagógicas educativas, a valorização e reconhecimento dos ensinamentos que a população

afro-brasileira tem a contribuir para toda a sociedade, seja cultural, científico, filosófico, empírico ou religioso.

4. PÚBLICO ALVO

O público deste projeto de intervenção escolar, serão alunos do Ensino Fundamental II-anos finais

5. APORTE TEÓRICO E METODOLÓGICO

Este projeto de intervenção prevê duração de 5 meses, com início em julho de 2023 e concretização em 20 de novembro de 2023, dia Nacional da Consciência Negra, que problematiza o papel do negro na sociedade e o enfrentamento das questões Étnico- Raciais e as contribuições científico-tecnológicas de pessoas negras durante o decorrer da história, sendo um trabalho interdisciplinar e de extensão realizado em conjunto dos pesquisadores e o corpo pedagógico da escola de ensino fundamental II (6º ano, 7º ano, 8º ano e 9º ano), e com os alunos da mesma.

O projeto contará com três fases, a primeira, que corresponde o mês de julho, de planejamento escolar, será de apresentação do projeto aos professores junto com o planejamento escolar e individual de cada um deles, a organização dos eventos com interdisciplinaridade, sem interromper ou comprometer o fluxo das aulas, visando o alcance de maior número de aluno possível e de forma voluntária. As mesas redondas/palestras/leituras/mídias visuais serão desenvolvidas durante o intervalo como forma de instigar a curiosidade dos alunos. Já as oficinas ou eventos que necessitam de mais tempo serão desenvolvidos aos sábados e, em caso excepcional, ao domingo.

A segunda fase acontecerá no mês de agosto com o retorno das atividades escolares dos alunos e contará com duas etapas: a primeira realizada durante a primeira semana onde levaremos em sala a apresentação do projeto, convidando a participarem das oficinas e oferta das mesmas. A segunda etapa, que também terá

duração de uma semana, será de preenchimento da ficha de inscrição aos interessados e assinatura do termo de consentimento.

A terceira fase consiste na realização dos eventos, como as mesas redondas/palestras/leituras/mídias visuais que serão realizadas todas as segundas-feiras durante o horário do intervalo da escola, com duração de 20 (vinte) minutos cada apresentação, e as oficinas acontecerão duas vezes ao mês, ou seja, nos primeiros dois sábados do mês. A última oficina, caso excepcional, será feita no sábado e no domingo que antecedem o dia da culminância do projeto.

A finalização, culminância, será realizada no dia 20 de novembro de 2023, segunda-feira, dia Nacional da Consciência Negra e será um evento aberto ao público. Portanto, o intuito do projeto é proporcionar à sociedade o conhecimento de materiais produzidos por pessoas negras ou que tiveram origem no continente mãe e que nem todos/as tenham escutado falar da origem dessas invenções científico-tecnológicas devido aos padrões estabelecidos pelo ocidente, aplicando esse conhecimento para além do ambiente escolar, ou seja, aproximando a comunidade à ciência em sua afro perspectiva.

As temáticas e estratégias do projeto, são consubstanciadas nas diversas pesquisas já publicadas sobre a EREER, são elas: Rizzo e Marques (2017), Pinheiro e Rosa (2018), Rosa, Albes-Brito e Pinheiro (2021), Oliveira Júnior e Coelho (2022), Oliveira Júnior e Coelho (2023) e Oliveira Júnior e Silveira (2023).

6. ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

Quadro 1 - Atividades e descrições do projeto de intervenção

ETAPA	ATIVIDADE	DESCRIÇÃO
1	Primeiro contato com a escola; Apresentação do projeto; Planejamento interdisciplinar.	Aqui será estabelecido o primeiro contato com a escola e com os professores na elaboração do planejamento interdisciplinar para avaliação dos alunos.
2	Divulgação do projeto para os alunos;	Apresentação do projeto aos alunos em sala, com ampla divulgação em

	Disponibilização do cronograma.	cartazes na escola, durante os intervalos com uma amostra do que o projeto vai abordar, redes sociais e apresentação também das oficinas
3	Orientação para inscrição Início das inscrições; Termo de consentimento.	Abertura das inscrições para as oficinas ofertadas e termo de consentimento.
4	Palestra de 20 minutos realizada durante o intervalo.	Apresentar uma palestra à respeito do pioneirismo dos povos negros na fabricação da cerâmica.
5	Mesa redonda de 20 minutos realizada durante o intervalo.	Comentar sobre a verdadeira origem da cerâmica. "A cerâmica é uma poesia que se escreve com barro."
6	Oficina 01 Fabricação de cerâmica;	Convidar um/a artesão/ã para ensinar como é feita a cerâmica, utilizando os materiais: água, argila, tecido e faca.
7	Mesa redonda de 20 minutos durante o intervalo.	Falar sobre a origem da Mancala.
8	Roda de conversa de 20 minutos durante o intervalo.	Discutir sobre a percepção dos alunos acerca da Mancala e sua importância.
9	Roda de leitura de 20 minutos durante o intervalo.	Ler o livro História Preta das Coisas, p. 07, sobre a Mancala.
10	Oficina 02 Fabricação do jogo Mancala.	Convidar um/a artesão/ã para ensinar como é feito o jogo. Materiais para a fabricação: 36 sementes ou pedrinhas. O tabuleiro vai ser feito de cerâmica com 12 cavas pequenas e dois oásis.
11	Roda de conversa de 20 minutos durante o intervalo.	Discutir sobre a percepção prévia dos alunos sobre o jogo boliche.
12	Palestra de 20 minutos durante o intervalo.	Abordar a origem do jogo boliche.
13	Roda de curiosidade de 20 minutos durante o intervalo.	Conversar sobre o jogo boliche e as expectativas dos alunos acerca do mesmo.
14	Roda de conversa de 20 minutos durante o intervalo.	Discutir o que os alunos aprenderam sobre a dinâmica do jogo.

15	Oficina 03 Fabricação do jogo de boliche	A fabricação vai ser feita com 10 garrafas pets, jornal, fita crepe, folhas de papel usando só um lado, pincéis, tesoura e tinta guache.
16	Roda de conversa de 20 minutos durante o intervalo.	Discutir sobre o conhecimento prévio dos alunos acerca do pão
17	Palestra de 20 minutos durante o intervalo.	Falar sobre o contexto histórico do surgimento do pão.
18	Oficina 04 Fabricação do pão.	Convidar um/a padeiro/a para ensinar como é feita a fabricação do pão.
19	Apresentar a culminância do projeto à toda escola, convidando também a população em geral para comparecer ao evento. Descolonizando a ciência: Um olhar para os saberes ancestrais sob a perspectiva negra.	Exposição das cerâmicas, jogos mancalas, jogos de boliche e os pães foram fabricados durante as oficinas do projeto, juntamente com as perspectivas histórico-culturais que influenciaram a criação dos objetos/alimentos.

Fonte: Elaboração dos autores

7. RECURSOS E MATERIAIS

Para desenvolver o projeto de intervenção, serão necessários materiais de consumo e de apoio, como: cartazes, cartolina, canetas, cadernos, piloto, quadro branco, tesouras, papel A4, *Google slides*, computador, textos impressos, jogos didáticos e dentre outros.

8. AVALIAÇÃO

O projeto será desenvolvido de forma interdisciplinar e voluntário, como uma atividade de extensão. Serão avaliados os alunos envolvidos com pontos extras, não acarretando nenhum tipo de prejuízo aos que não se envolverem no projeto. A atribuição de nota será feita pelos pesquisadores e professores, avaliando a confecção dos objetos e a produção do alimento, juntamente com a história/origem do item.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**, 2009. Disponível em: <https://editalequidaderacial.ceert.org.br/pdf/.pdf>. Acesso em: 13 out. 2019.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; SILVA, Carlos Aldemir Farias da; SOARES, Nicelma Josenila Brito (Orgs.). **Relações Étnico-Raciais para o Ensino Fundamental**: projetos de intervenção escolar. São Paulo: Livraria da Física, 2017 (Coleção formação de professores e étnico-raciais).

OLIVEIRA JÚNIOR, Waldemar Borges de; COELHO, Wilma de Nazaré Baía. Apontamentos sobre o ensino de ciências para a erer no ENPEC (2011-2021). In: Waldemar Borges de Oliveira Júnior; Adriana Marques de Oliveira Miranda; Veruschka Silva Santos Melo; Brenda Gonçalves Fortes. (Org.). **Educação Em Ciências no Brasil**: interlocuções entre a universidade e a educação básica. 1ed.Tutóia: Diálogos, 2023, p. 12-33.

OLIVEIRA JÚNIOR, Waldemar Borges de; COELHO, Wilma de Nazaré Baía. Reflexões sobre o ensino de ciências para a ERER no ENPEC (2011-2019). In: COELHO, Wilma de Nazaré Baía *et al* (Orgs). **Formação inicial e continuada de professores/as**: diálogos sobre relações étnico-raciais e escola. Curitiba: Editora Bagai, 2022, p. 227-238.

OLIVEIRA JÚNIOR, Waldemar Borges de; SILVEIRA, Maria Luiza da (Orgs.). **20 anos da lei 10.639/2003**: diálogos e desafios na educação brasileira. Tutóia, MA: Editora Lupa, 2024.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Educação em Ciências na Escola Democrática e as Relações Étnico-Raciais. **Revista**

Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências. V. 19, 329–344, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/13139/11886>. Acesso em: 29 set. 2024.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **História Preta das Coisas: 50 invenções científico-tecnológicas de pessoas negras.** 1.ed- São Paulo; editora Livraria Física, 2021. (Culturas, direitos humanos e diversidades na educação em ciências).

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares; ROSA, Katemari (Orgs.). **Descolonizando saberes: a lei nº 10.639/2003 no ensino de ciências.** São Paulo: Editora Livraria da Física, 2018. (Coleção Culturas, Direitos Humanos e Diversidades na Educação em Ciências).

RIZZO, Jakellinny Gonçalves de Souza; MARQUES; Eugenia Portela de Siqueira. A formação de professores para educação das relações étnico-raciais e as implicações para o currículo. **Rev. FSA,** Teresina, v. 14, n. 5, p. 111-127, set./out. 2017. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1419/1323>. Acesso em: 23 dez. 2021.

ROSA, Katemari; ALVES-BRITO, Alan; PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Pós-verdade para quem? Fatos produzidos por uma ciência racista. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física,** v. 37, n. 3, p.1440-1468, dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/74989/44934>. Acesso em: 14 abr. 2021.

QUALIFICAÇÃO PEDAGÓGICO PARA O TRATO DAS RELAÇÕES RACIAIS E DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO NA ESCOLA

Erlennekey Angelo Ribeiro¹

Railane Carolina Soares de Brito²

Rafael Casaes de Brito³

Waldemar Borges de Oliveira Júnior⁴

1. INTRODUÇÃO

A capacitação do corpo pedagógico para a identificação e desconstrução do racismo no âmbito escolar é fundamental para promover um ambiente educacional inclusivo e equitativo. A escola tem a responsabilidade de não apenas transmitir conteúdos acadêmicos, mas também de educar sobre valores de respeito e igualdade. Para isso, é essencial que os profissionais da educação

¹ Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

² Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

³ Estudante de Doutorado em Ensino pela Rede Nordeste de Ensino (RENOEN) vinculado ao Programa de Pós Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGen/UESB). Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade (UESB). Membro do Grupo de Pesquisa Ensino, Currículo, e Formação de Professores e pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais e Ensino de Ciências e Biologia da UNIFESSPA (GEPRREC/UNIFESSPA).

⁴ Professor Adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Doutor em Educação em Ciências e Matemáticas (UFPA). É Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais e Ensino de Ciências e Biologia (GEPRREC/UNIFESSPA) e pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais (Núcleo GERA-NEAB/UFPA).

estejam preparados para refletir e considerar práticas e atitudes racistas.

A capacitação visa equipar os educadores com o conhecimento e as ferramentas permitidas para identificar sinais de racismo e discriminação, além de oferecer estratégias para lidar com essas questões, considerando que o racismo pode se manifestar de várias formas, desde atitudes sutis e micro agressões até práticas explícitas e sistemáticas. A capacitação do corpo pedagógico para a identificação e desconstrução do racismo é uma ação necessária e transformadora, promovendo uma educação contínua e o desenvolvimento profissional dos educadores é crucial para que a escola se torne um espaço de igualdade e respeito, oferecendo a todos os alunos a oportunidade de aprender e crescer em um ambiente inclusivo.

Para Rodrigues (2011), a falta de preparação dos educadores limita a capacidade de analisar criticamente as diversas manifestações do racismo educacional, que podem estar presentes no currículo, nos livros didáticos e literários, nas representações em murais e nas atividades pedagógicas – especialmente quando se opta por representar apenas o segmento branco. Além disso, muitas vezes as comemorações relacionadas ao tema são apresentações de forma folclórica e caricatural. Isso indica que o artigo 26A da LDB, modificado pela Lei 10.639 de 2003, ainda não foi implementado de maneira adequada.

As contradições e lutas presentes na escola estão imersas nas relações de poder que perpetuam desigualdades relacionadas à raça, etnia, gênero e classe, colocando em questão a função social da escola. Qual é o papel da escola, de sua gestão e dos membros da comunidade escolar, especialmente dos profissionais de educação, no enfrentamento dessas desigualdades? Embora a escola não seja a única instituição responsável por combater essas desigualdades, ela desempenha um papel crucial. Para Monteiro (2019), a escola deve deixar de ser um espaço que reproduz o racismo e passar a atuar no seu combate, adotando uma perspectiva de pedagogia antirracista e de valorização da

diversidade, conforme estabelecido pelas políticas curriculares de ação afirmativas.

2. JUSTIFICATIVA

A qualificação do corpo pedagógico para a identificação e desconstrução do racismo no âmbito escolar é essencial para a construção de um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo, igualitário e equitativo. O racismo, em suas diversas formas e manifestações, pode impactar níveis na experiência educacional das aulas e influenciar a dinâmica escolar de maneira prejudicial. Portanto, a formação contínua de professores e demais agentes da escola básica é uma dimensão *sine qua non* para enfrentar essas questões de maneira eficaz e promover uma educação que valorize e respeite a diversidade étnico-racial.

3. OBJETIVOS

3.1 Geral

- Promover a qualificação dos professores e da equipe pedagógica de uma instituição pública localizada em São Félix do Xingu-PA, direcionando para a identificação do racismo e preconceito.

3.2 Específicos:

- Qualificar o corpo docente e pedagógico para lidar com diferentes grupos étnicos e raciais;
- Compreender a importância e aplicabilidade da Lei nº 10.639/2003 e o combate do racismo e preconceito racial.

4. PÚBLICO ALVO

O público abarcado no projeto de intervenção serão os professores do Ensino Fundamental, gestores equipe pedagógica e técnica da instituição.

5. APORTE TEÓRICO E METODOLÓGICO

A formação de professores para as Relações Étnico-Raciais é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária (Coelho, 2005). No contexto educacional, os professores desempenham um papel crucial na formação de valores e atitudes dos alunos. Portanto, é essencial que estejam bem preparados para lidar com a diversidade étnico-racial e promover um ambiente inclusivo e respeitoso.

Primeiramente, a formação para a EREER irá proporcionar uma formação aos professores, com a finalidade de reconhecimento e combater preconceitos e estereótipos presentes na sociedade e mais comum ainda, no âmbito da sala de aula, como argumentado por Cavalleiro (2020). Sem um entendimento aprofundado das questões raciais, é fácil perpetuar práticas discriminatórias, mesmo que inconscientemente. Através de uma formação adequada, os educadores desenvolvem a habilidade de identificar e desafiar essas atitudes, garantindo que suas práticas pedagógicas sejam inclusivas e respeitadas para todos os alunos.

Para o oferecimento da formação/qualificação da equipe pedagógica da instituição, foi substancial consubstanciar estudos sobre formação de professores e sua relação com a EREER, com destaque para os estudos de Coelho (2005, 2018), Martins (2005), Gatti (2016), Lima (2019) e Coelho e Brito (2020).

No quadro abaixo, apresentamos os conteúdos que serão trabalhados durante o projeto de formação com o público alvo.

Quadro 1 – Conteúdos trabalhados no projeto de intervenção

I. A identificação de preconceito, racismo e discriminação no âmbito escolar.
II. O entendimento do corpo docente e pedagógico em relação ao ambiente escolar e os demais colegas de trabalho, com base na convivência das diferentes etnias.
III. As diversas formas, variações e os conceitos de racismo existentes nas escolas.
IV. Como lidar com atos de racismo dentro do âmbito escolar.
V. As causas da evasão de negros nas escolas, desde o ensino fundamental I até o ensino superior.
VI. A exclusão de negros no âmbito profissional.
VII. A importância da valorização das lutas étnico-racial.
VIII. Apresentação da BNCC
IX. Enfoque na Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003
X. As diversas atividades de inclusão racial nas disciplinas e conteúdos abordados. Já mencionado na Lei nº 10.639.
XI. A compreensão da importância histórica do povo afro-brasileiro para a história do Brasil.
XII. Apresentação de histórias reais do povo negro após a evasão no mercado de trabalho.
XIII. Apresentação e ponto de vista do corpo pedagógico, após o aprendizado em relação às temáticas abordadas.

Fonte: Elaboração dos autores

6. ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

Quadro 1 – Atividades e descrição de cada momento do projeto

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO
Apresentação	- Reunião com a equipe pedagógico e apresentação do projeto de intervenção. - Apresentar o termo de aceitação do projeto, recolhendo todas as assinaturas para posteriormente, seguir com os demais encaminhamentos das ações.
1	No primeiro encontro, será apresentado as dificuldades dos professores na identificação do racismo no âmbito escolar. Tendo como base, o livro – Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. Com enfoque no capítulo, “o silêncio como estratégia para evitar o conflito étnico” (Cavalleiro, 2000, p. 58).
2	No segundo encontro, será realizado uma roda de conversa, com a centralidade de conhecer o entendimento dos agentes

	escolares em relação a temática e como eles trabalham (ou não) a problemática em sala de aula.
3	No terceiro encontro, os membros do projeto irão realizar uma palestra sobre a temática da ERER. O enfoque deste momento é dialogar e apresentar as noções conceituais sobre as dimensões que circundam a Li n. 10.639/2003. Posteriormente serão abertos momentos de diálogos com toda a audiência.
4	No quarto encontro, terá como base o livro - Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. Apresentando o capítulo “Crianças negras e brancas interagindo e reagindo” (Cavalleiro, 2000, p. 52). Com a finalidade de apresentar modos de combater atos de racismo no âmbito escolar.
5	No quinto encontro, serão apresentados e dialogado por meio de dados oficiais e argumentos da literatura especializada, dados que comprovem atos racistas e discriminatório nas escolas brasileiras e ainda, elementos que direcionam para as ausências de discussões de aspectos sobre a ERER, como: identidade, pesquisas científicas, personalidades negras e racismo o racismo científico.
6	No sexto encontro, exibirá dados que comprovara a exclusão de negros no âmbito profissional, tornando visível, a necessidade de inclusão dos povos afro-brasileiros nos cargos superiores.
7	No sétimo encontro, apresentaria a importância da valorização das lutas Étnico-Racial e a precisão da introdução destas temáticas em sala de aula.
8	No oitavo encontro, em uma roda de conversa, será abordado assunto relacionados à BNCC. Com o objetivo, de discutir como está sendo cumprida esta grade e como o corpo docente aplica as propostas pedagógica referente a educação infantil.
9	No nono encontro, terá como ponto principal, a lei que esclarece a inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”. Frisando a Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Demonstrando a necessidade da inclusão da legislação em tela pelo corpo pedagógico, com o objetivo de minimizar a discriminação racial no âmbito escolar.
10	No décimo encontro, será apresentado às diversas atividades que podem ser aplicadas nas disciplinas e conteúdos lecionados pelo corpo docente. Destacando a lei que torna obrigatório esta temática.

11	No décimo primeiro encontro, em uma roda de conversa, será discutido o artigo – “Racismo na educação escolar: discursos que ferem” (Vale; Santos, 2019).
12	No décimo segundo encontro, contará com a participação de depoimentos reais, de pessoas negras que por motivos de racismo, não estão mais nas escolas ou ocupando um cargo profissional.
13	No décimo terceiro e último encontro, será para apurar todo o conhecimento adquirido após o decorrer do projeto, pelo corpo pedagógico. Por fim, será discutido se houve alguma melhoria em relação a discriminação racial no âmbito escolar.
14	Será feita uma entrevista com os alunos com depoimentos a respeito da discriminação racial e como eles em relação a escola e o corpo pedagógico. Se houver voluntários, perguntas sobre a temática e o pessoal serão feitas. Com a finalidade, de saber como estes se sentem e aprende com as diversidades existentes nas escolas.

Fonte: Elaboração dos autores

7. RECURSOS E MATERIAIS

Os recursos que serão utilizados para a execução das atividades serão materiais de cunho escolar, além de materiais digitais, uso de computador e retroprojetor. Além disso, serão usados textos e livros para promover as discussões.

8. AVALIAÇÃO

Todo o andamento do projeto será discutido nas palestras, juntamente com os depoimentos do corpo pedagógico, com o intuito de analisar a eficácia deste projeto. Perseverando a imagem de todos os envolvidos e quaisquer depoimento. Será necessário que todo o corpo pedagógico entregue um relatório de como foi aplicado a inclusão da temática em seu método didático. A Fim, de ser analisado como foi conduzido o tema. Por fim, será publicado um artigo com todo o andamento do trabalho, contendo entrevista com o corpo pedagógico antes e depois da aplicação do projeto. E se autorizado, a publicação dos depoimentos dos alunos em relação

a capacitação do corpo pedagógico na identificação e combate à discriminação racial.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira” e dá outras providências.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/%20110.639.htm. Acesso em: 10 set. 2024.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** 6.ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía. **A cor ausente: um estudo sobre a presença do negro na formação de professores - Pará, 1970-1989.** 2005. 253f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía. Formação de professores e relações étnico-raciais (2013 2014): produção em teses, dissertações e artigos. **Educar em Revista**, v. 34, p. 97-122, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/v34n69/0104-4060-er-34-69-97.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2020.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; BRITO, Nicelma Josenila Costa de. Dez anos da lei n. 10.639/2003 e a formação de professores e relações raciais em artigos (2003/2013): um tema em discussão. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 39, p.

19-42, abr./jun. 2020. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/6358/4691>. Acesso em: 08 jul. 2020.

GATTI, Bernardete Angelina. Formação de professores: condições e problemas atuais. *Revista Internacional de Formação de Professores (RIFP)*, v. 1, n.2, p. 161-171, 2016. Disponível em: <https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/RIFP/article/view/347/360>. Acesso em: 11 jan. 2022.

LIMA, Gláucia Quênia Bezerra de. A importância da África para a História do Brasil. **Revista de História Bilros: História(s), Sociedade(s) e Cultura(s)**, Fortaleza, v. 7, n. 14, p. 194-212, jan.-abr., 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/bilros/article/view/7719>. Acesso em: 14 fev. 2020.

MARTINS, Andre Ferrer Pinto. Ensino de Ciências: desafios à formação de professores. **Revista Educação em Questão**, v. 23, n. 9, p. 53-65, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8342>. Acesso em: 14 fev. 2020.

MONTEIRO, Rosana Batista. A importância da gestão democrática para a implementação das políticas curriculares de ação afirmativa e sua relação com a formação de gestores. **Laplage em Revista (Sorocaba)**, v.5, n. Especial, set.- dez. 2019, p.71-82. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7898425>. Acesso em: 14 fev. 2020.

VALE, Rosiney Aparecida Lopes do; SANTOS, Gabriel Gustavo dos. Racismo na educação escolar: discursos que ferem. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 57, n. 54, p. 1-23, e-18289, out./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8342>. Acesso em: 14 fev. 2020.

A INCLUSÃO DOS POVOS INDÍGENAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Jusleny Oliveira Silv¹

Nathalia Maciel Belfort²

Sivonete Ferreira Silqueira³

Waldemar Borges de Oliveira Júnior⁴

Rafael Casaes de Brito⁵

1. INTRODUÇÃO

A inclusão dos povos indígenas na educação escolar é um passo essencial para promover equidade e respeito à diversidade cultural no ambiente educacional. Ela envolve a criação de políticas que garantam o acesso e a permanência dos estudantes indígenas nas escolas, ao mesmo tempo que reconhece e valoriza suas identidades, histórias, línguas e conhecimentos tradicionais

¹ Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

² Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

³ Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

⁴ Professor Adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Doutor em Educação em Ciências e Matemáticas (UFPA). É Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais e Ensino de Ciências e Biologia (GEPRREC/UNIFESSPA) e pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais (Núcleo GERA-NEAB/UFPA).

⁵ Estudante de Doutorado em Ensino pela Rede Nordeste de Ensino (RENOEN) vinculado ao Programa de Pós Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGen/UESB). Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade (UESB). Membro do Grupo de Pesquisa Ensino, Currículo, e Formação de Professores e pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais e Ensino de Ciências e Biologia da UNIFESSPA (GEPRREC/UNIFESSPA).

(Oliveira, 2006). A inclusão deve ser pensada de forma intercultural, integrando saberes indígenas ao currículo e proporcionando um diálogo entre esses conhecimentos e os ensinamentos ocidentais. Além disso, é fundamental que os próprios indígenas participem do desenvolvimento e gestão dos projetos educativos, garantindo que suas necessidades e visões sejam devidamente atendidas.

Conforme está escrito na Lei 11.645/2008 Art.26-A “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatória o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena” (Brasil, 2008). Tornando importante inserir a temática para buscar o meio de socialização e diminuir a desigualdade social. Como já dizia Jorge Ben Jor, antigamente “todo dia era dia de índio”. Não deixe que hoje ele só tenha o 19 de abril! (Canção de Jorge Ben Jor).

Nesse projeto iremos inserir a temática de história e cultura indígena e afro-brasileira na disciplina de ciências, terá duração de dois meses, seguido por oito sequências didáticas para turma do 6º ano na Escola Municipal de Ensino Fundamental Marechal Rondon. O projeto será trabalhado em conjunto com os professores, para evitar imprevistos, nos reuniremos com coordenação e os professores dois meses antes de realizarmos a aplicação do projeto onde abordamos artigos como (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana) e documentários (Guerra no Brasil, episódio guerra da conquista) entre outros.

Escolhemos trabalhar o projeto com os alunos do 6º ano, ou seja, do Ensino Fundamental II, onde a faixa etária corresponde às idades de 11 a 14 anos. Um período de grandes transformações, e os alunos passam por diversas mudanças relacionadas ao seu desenvolvimento físico, emocional e social. Logo, essa abordagem é direcionada para que de início eles levem para a vida estudantil, quanto para a vida pessoal, a obrigatoriedade da inclusão da cultura indígena e quão estamos relacionados. “[...] cumprir a Lei é, pois, responsabilidade de todos e não apenas do professor em

sala de aula. Exige-se, assim, um comprometimento solidário dos vários elos do sistema de ensino brasileiro, tendo-se como ponto de partido o presente parecer, que junto com outras diretrizes e pareceres e resoluções, têm o papel articulador e coordenador da organização e da educação nacional” (Brasil, 2009).

2. JUSTIFICATIVA

A aplicação do tema "Inclusão dos Povos Indígenas na Educação Escolar" como projeto pedagógico é justificada pela necessidade de promover uma educação plural, que respeite e valorize a diversidade cultural presente no Brasil. A abordagem da temática indígena nas escolas contribui para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde os alunos são estimulados a compreender e respeitar as culturas tradicionais que formam a identidade nacional. Além disso, o projeto atende às diretrizes legais, como a Lei nº 11.645/2008, que determina a inclusão da história e cultura indígena no currículo escolar, visando combater estereótipos e preconceitos. Ao fomentar o diálogo intercultural, esse projeto enriquece o processo de ensino-aprendizagem, desenvolvendo a consciência crítica dos estudantes sobre a importância dos povos indígenas na formação da história e cultura do Brasil, além de fortalecer o reconhecimento dos direitos dessas populações.

3. OBJETIVOS

3.1 Geral

- Promover a valorização e o reconhecimento da cultura, história e contribuições dos povos indígenas no Brasil, por meio de uma educação intercultural que fomente o respeito à diversidade e o combate ao preconceito no ambiente escolar.

3.2 Específicos

- Integrar conhecimentos e saberes tradicionais indígenas ao currículo escolar, contextualizando-os nas disciplinas de história, geografia, ciências e artes.

- Estimular o debate sobre a importância da preservação dos direitos e das culturas indígenas, incentivando a reflexão crítica dos estudantes sobre a relação entre os povos indígenas e a sociedade contemporânea.

4. PÚBLICO ALVO

O projeto será desenvolvido juntamente com a coordenação, professores e alunos do 6º ano de uma instituição pública no município de São Félix do Xingu no Estado do Pará.

5. APORTE TEÓRICO E METODOLÓGICO

Quadro 1 – Atividades e estratégias do projeto de intervenção

ATIVIDADES	ESTRATÉGIAS
Apresentação do Projeto para a coordenação e os professores.	<ul style="list-style-type: none">● Apresentar a temática do projeto que será aplicado na escola (A Inclusão dos Povos Indígenas no Ambiente Escolar, a importância da temática, para trabalharmos uma dinâmica com esses alunos).● Seguindo as orientações da Lei 11.645/2008, “Torna-se obrigatoriedade o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. (Reforçando aos colaboradores a Lei que respalda a nossa iniciativa)● Mostrar a importância de abordar a temática no âmbito escolar. (Para desenvolver aos alunos a importância de socializar e respeitar as diferenças).
Roda de conversa com os alunos.	<ul style="list-style-type: none">● Proporcionar um encontro sobre as informações que os alunos têm sobre a temática; (Buscar os conhecimentos e os conceitos, que os alunos já possuem em relação à temática).● Apresentar o projeto para turma (A Inclusão dos Povos Indígenas no Ambiente Escolar); ressaltando para a eles

	<p>a importância da temática e explicar como iremos abordar o tema a cada semana.)</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Apresentar um documentário (Guerras do Brasil, o episódio guerras da conquista), esse documentário mostra como a população indígena foi dizimada e segue sua luta pela demarcação de terra até os dias atuais;
Dinâmica	<ul style="list-style-type: none"> ● Dinâmica de citar a qualidade do seu colega. (Exemplo: meu colega João é muito inteligente e logo após depositar na caixinha onde nós professores iremos lê para eles, deixando assim em oculto a identidade do colega); ● Uma pauta sobre a dinâmica. (Onde vamos abordar para aos alunos e mostrarmos para eles que todos nós temos nossas diferenças, nossos defeitos e nossas qualidades)
Diga não ao preconceito e ao racismo.	<ul style="list-style-type: none"> ● Para cada aluno escrever em um papel um preconceito ou racismo que já sofreu; (Para trabalharmos com ele em sala de aula o que não podemos fazer ou falar com os nossos próximos). ● Conscientizá-los a não praticar o racismo; (Debater com eles, em uma aula dialogada, expositiva). ● Apresentar a lei no 7.716/ 1989, Art. 1o Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. (Em uma roda de conversa com os alunos, ressaltar com eles esses conhecimentos). ● No final da aula pedir aos alunos trazer no próximo encontro dois tipos de danças culturais, típica indígena e típica da nossa região. (Materiais para a dinâmica da próxima aula).
Resgatando a cultura	<ul style="list-style-type: none"> ● Conhecendo a cultura indígena e do homem branco; (Uma apresentação em slide sobre as culturas para os alunos, logo após as danças culturais). ● Danças culturais (essa atividade tem o intuito de valorizar as culturas, para que dessas formas eles possam conhecer um pouco a cultura um dos outros e interagir na sala se conhecerem e socializarem).
Literatura	<ul style="list-style-type: none"> ● Leitura do Poema (Incluir é viver a beleza da diversidade, João Beauclair); (será feita a leitura, logo após, aplicamos um caça palavras relacionado com o poema para a interação em sala de aula). ● Caça palavras (Através das palavras destacadas no texto os alunos irão encontrar as palavras no jogo).

Cinema	<ul style="list-style-type: none"> • Filme: Estrela Além do Tempo; (Baseado na vida real, onde três mulheres negras: Katherine Goble, Mary Jackson e Dorothy Vaughan onde relata a luta dessas mulheres contra os preconceitos de gênero e raça). • Dialogar sobre o filme. (Em uma roda de conversas, buscar saber o que cada um achou interessante e pode absorver de lição a respeito do filme).
Mudanças	<ul style="list-style-type: none"> • De acordo com o conteúdo abordado no projeto os alunos irão fazer um texto de acordo com sua opinião sobre a inclusão dos povos indígenas no ambiente escolar, se depois do projeto a algo no seu conceito que tenha mudado, ou que você irá mudar daqui adiante?

Fonte: Elaboração dos autores

Para consubstanciar as estratégias e atividades planejadas neste projeto de intervenção, fazer o levantamento da literatura, conhecer os estudos já publicados se tornaram essenciais. Dessa forma, os argumentos destes, corroboraram na feitura, aqui destacamos: Gomes (2005), Gomes (2012) Coelho, Santos e Silva (2015), Cruz (2020) e Costa Junior (2022).

6. ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

Quadro 1 – Atividades a serem desenvolvidas no projeto de intervenção

MÊS 1	SEMANA	ATIVIDADE
No primeiro mês, iremos apresentar o projeto aos coordenadores, professores e alunos. Conversa com alunos sobre a inclusão dos índios no ambiente escolar.	1ª SEMANA	1º atividade: Apresentação do Projeto para a coordenação e os professores.
	2ª SEMANA	2º atividade: Roda de conversa com os alunos
	3ª SEMANA	3º atividade: Diversidade Uma dinâmica
	4ª SEMANA	4º atividade: Diga não ao preconceito e ao racismo.
MÊS 2	SEMANA	ATIVIDADE

No segundo mês, iremos elaborar dinâmicas e o conteúdo do projeto.	5ª SEMANA	5ª atividade: Resgatando as Cultura
	6ª SEMANA	6ª atividade: Literatura. Leitura do Poema
	7ª SEMANA	7ª atividade: Cinema Assistir um Filme
	8ª SEMANA	8ª atividade: Mudanças Escrever um Texto

Fonte: Elaboração dos autores

7. RECURSOS E MATERIAIS

Para o desenvolvimento das atividades propostas na intervenção, será necessária a utilização de recursos como materiais de uso escolar, papel, tesoura, lápis para colorir, além de livros e cartolinas.

8. AVALIAÇÃO

A avaliação desse projeto foi realizada de forma contínua, com dinâmicas a cada atividades, para observarmos a interação dos povos indígenas com os alunos na sala de aula. Com o objetivo de provocar reflexão dos alunos, colegas de trabalho e funcionários da escola, sobre suas atitudes.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação LEI No 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 05 nov. 2022.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**, 2009.

Disponível em: <https://editalequidaderacial.ceert.org.br/pdf/plano.pdf>. Acesso em: 13 out. 2019.

BRASIL, Ministerio da Educação LEI No 7.716, DE 05 DE JANEIRO DE 1989. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7716.htm. Acesso em: 05 nov.2022.

BEAUCLAIR, João. Incluir é viver a beleza da diversidade, agosto 2007. Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/poesias-do-social/666873>. Acesso em: 05 nov.2022.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; SANTOS, Raquel Amorim dos; SILVA, Rosângela Maria de Nazaré Barbosa e (Orgs.). **Educação e Diversidade na Amazônia**. 2 ed. São Paulo: Livraria da Física, 2015 (Coleção Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais).

COSTA JUNIOR, Nazito Pereira da. Ciência e tecnologia na antiguidade africana. *Revista LiberAção*, Campina Grande, v. 2, n. 1, p. 129-148. janeiro/junho 2021. Disponível em: <https://revista.Uepb.edu.br/REFIEDI/article/view/373/279>. Acesso em: 25 jan. 2022.

CRUZ, Ana Cristina Juvenal da. O lugar da história e cultura africana e afro-brasileira nos debates contemporâneos do currículo brasileiro. **Revista Ensino Interdisciplinar**, p.134-150, 2018. Disponível em: <http://periodicos.apps.uern.br/index.php/RECEI/article/view/973/892>. Acesso em: 12 mar. 2020.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In MUNANGA, Kabengele (Org.) **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação e Cultura; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 143 – 154.

GOMES, Nilma Lino (Org.). **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639/03**. Brasília: MEC: Unesco, 2012.

JOR BEN, Jorge. **Curumim chama cunhatã que vou te contar.**
Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=nn5E9iLqzg8>.
2015. Acesso em: 02 agost. 2024.

PARTE II

PLANOS DE AULA PARA A ESCOLA BÁSICA

CIÊNCIAS E RELAÇÕES RACIAIS: PERSPECTIVAS PARA UMA VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Ellen Thais Pereira de Castro¹

Carolina Souza de Carvalho²

Cristhielis Freitas de Alcântara³

Waldemar Borges de Oliveira Júnior⁴

Rafael Casaes de Brito⁵

1. IDENTIFICAÇÃO

Disciplina: Ciências da Natureza

Professoras: Ellen Thais Pereira de Castro; Carolina Souza de Carvalho; Cristhielis Freitas de Alcântara

¹ Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

² Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

³ Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

⁴ Professor Adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Doutor em Educação em Ciências e Matemáticas (UFPA). É Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais e Ensino de Ciências e Biologia (GEPRREC/UNIFESSPA) e pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais (Núcleo GERA-NEAB/UFPA).

⁵ Estudante de Doutorado em Ensino pela Rede Nordeste de Ensino (RENOEN) vinculado ao Programa de Pós Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGen/UESB). Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade (UESB). Membro do Grupo de Pesquisa Ensino, Currículo, e Formação de Professores e pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais e Ensino de Ciências e Biologia da UNIFESSPA (GEPRREC/UNIFESSPA).

Escola: Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor João Roberto da Silva⁶

Turma: Ensino Fundamental II - 9º ano

Tempo de aula: 4 horas (duas semanas)

2. OBJETIVO

Corroborar nas desconstruções de ideias estigmatizadas veiculadas à população afro-brasileira no âmbito de promover o conhecimento científico e tecnológico de pessoas negras no ambiente escolar.

3. CONTEÚDOS

a) Preconceito, Discriminação e Racismo no Brasil; b) Desconstrução eurocêntrica da Ciência e c) O negro e as invenções científico-tecnológicas.

4. UNIDADE TEMÁTICA DA BNCC

Vida e Evolução

5. RECURSOS E MATERIAIS DIDÁTICOS:

a) Data *show*; b) *Notebook*; c) Pincel; d) Apagador; e) Caixa de som; f) Fita adesiva e dentre outros.

6. METODOLOGIA

As aulas serão desenvolvidas em alguns momentos, a saber: no primeiro momento (até 50 minutos) será realizado uma roda de conversa com os alunos no intuito de identificar os conhecimentos prévios em relação as noções conceituais sobre preconceito,

⁶ Nome fictício criado para esta produção.

discriminação e racismo no Brasil e após, será finalizada com uma apresentação sobre o mesmo aspecto com as professoras. No segundo momento (duração de até 110 minutos) projeto para a turma, o filme “*Estrelas Além do Tempo*”, no qual aborda aspectos estruturais e essenciais sobre as dimensões que perpassam a temática racial.

Após a turma assistir o mesmo, os discentes serão convidados para a roda de conversa, apresentando sobre temas do filme. No último momento (80 minutos) e não menos importante, será realizado uma apresentação das professoras a respeito do eurocentrismo na ciência e tecnologia, dialogando sobre inúmeras invenções científico-tecnológicas que foram desenvolvidas por pessoas negras. Após, os alunos serão convidados a fazer um texto de até 30 (trinta) linhas sobre quais os pontos positivos das atividades realizadas e como poderiam ser melhoradas.

7. AVALIAÇÃO

As avaliações das aulas, será mediante ao envolvimento individual das ações realizadas e na elaboração de um texto de 20 (dez) a 40 (vinte) linhas sobre a temática abordada nas aulas e atividades.

BIBLIOGRAFIAS

Estrelas Além do Tempo, título original: Hidden figures. Direção: Theodore Melfi. Produção: Donna. EUA. Distribuição: 20th Century Studios. 2017.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **História Preta das Coisas: 50 invenções científico-tecnológicas de pessoas negras**. 1.ed- São Paulo; editora Livraria Física, 2021.

DIÁLOGOS SOBRE O RACISMO NO BRASIL

Erllennekey Angelo Ribeiro¹

Railane Carolina Soares de Brito²

Waldemar Borges de Oliveira Júnior³

Rafael Casaes de Brito⁴

1. IDENTIFICAÇÃO

Disciplina: Ciências da Natureza

Professoras: Erllennekey Angelo Ribeiro e Railane Carolina Soares de Brito

Escola: Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro III

Turma: Ensino Fundamental II - 7º ano

Tempo de aula: 4 horas (duas semanas)

¹ Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

² Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

³ Professor Adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Doutor em Educação em Ciências e Matemáticas (UFPA). É Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais e Ensino de Ciências e Biologia (GEPRREC/UNIFESSPA) e pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais (Núcleo GERA-NEAB/UFPA).

⁴ Estudante de Doutorado em Ensino pela Rede Nordeste de Ensino (RENOEN) vinculado ao Programa de Pós Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGen/UESB). Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade (UESB). Membro do Grupo de Pesquisa Ensino, Currículo, e Formação de Professores e pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais e Ensino de Ciências e Biologia da UNIFESSPA (GEPRREC/UNIFESSPA).

2. OBJETIVO

Contribuir na desconstrução da discriminação, preconceito e do racismo/racismo científico no âmbito escolar.

3. CONTEÚDOS

a) Teoria evolucionista; b) História da África e sua relação com as teorias da Evolução e c) Racismo recreativo e racismo científico.

4. UNIDADE TEMÁTICA DA BNCC

Vida e Evolução

5. RECURSOS E MATERIAIS DIDÁTICOS

a) Pincel; b) Apagador; c) Data *show*; d) Folhas de papel A4 e dentre outros.

6. METODOLOGIA

As aulas serão desenvolvidas em alguns momentos, a saber: no primeiro momento será realizado uma aula expositiva dialogada sobre o processo de evolução do mundo, com base na teoria evolucionista. Neste mesmo momento/aula, serão abordados aspectos, reportagens e vídeos sobre os dados que apontam que como o *homo sapiens* surgiu na África. No segundo momento, consistirá em uma roda de conversa com os alunos, sobre a África como o berço da humanidade e as dimensões que as teorias da evolução reproduziram sobre a história da cultura africana e o racismo científico no século XIX.

No último momento, as docentes apresentaram dados e estudos da literatura e dos órgãos competentes sobre o racismo recreativo e científico no Brasil e como isso impacta a construção

social e escolar do Brasil, assim como, corrobora a reprodução de visões errôneas sobre o povo e a história africana.

7. AVALIAÇÃO

As avaliações das aulas, será mediante ao envolvimento individual das ações realizadas e na elaboração de um texto de 10 (dez) a 20 (vinte) linhas sobre a temática abordada.

BIBLIOGRAFIAS

LIMA, Gláucia Quênia Bezerra de. A importância da África para a História do Brasil. **Revista de História Bilros: História(s), Sociedade(s) e Cultura(s), Fortaleza**, v. 7, n. 14, p. 194-212, jan.abr., 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sur/a/xVYbxfpjbPwYk6dxB4s3WBr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 agos. 2024.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **História Preta das Coisas: 50 invenções científico-tecnológicas de pessoas negras**. 1.ed- São Paulo; editora Livraria Física, 2021.

NOÇÕES CONCEITUAIS SOBRE RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Angela Costa de Moura¹

Jesliane Freitas de Souza²

Raline Silva Alencar³

Waldemar Borges de Oliveira Júnior⁴

Rafael Casaes de Brito⁵

1. IDENTIFICAÇÃO

Disciplina: Ciências da Natureza

Professoras: Angela Costa de Moura; Jesliane Freitas de Souza; Raline Silva Alencar

Escola: Escola Municipal de Ensino Fundamental Iluminando o Seu Dia

Turma: Ensino Fundamental II - 6º ano

¹ Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

² Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

³ Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

⁴ Professor Adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Doutor em Educação em Ciências e Matemáticas (UFPA). É Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais e Ensino de Ciências e Biologia (GEPRREC/UNIFESSPA) e pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais (Núcleo GERA-NEAB/UFPA).

⁵ Estudante de Doutorado em Ensino pela Rede Nordeste de Ensino (RENOEN) vinculado ao Programa de Pós Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGen/UESB). Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade (UESB). Membro do Grupo de Pesquisa Ensino, Currículo, e Formação de Professores e pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais e Ensino de Ciências e Biologia da UNIFESSPA (GEPRREC/UNIFESSPA).

Tempo de aula: 4 horas (duas semanas)

2. OBJETIVO

Proporcionar reflexões sobre a importância do respeito à diversidade étnico-racial, propiciando debates sobre o reconhecimento das diferenças na sociedade.

3. CONTEÚDOS

a) Noções conceituais sobre diversidade étnico-racial?; b) Conceito sobre preconceito, racismo; discriminação racial e racismo estrutural; c) Racismo à brasileira

4. UNIDADE TEMÁTICA DA BNCC

Vida e Evolução

5. RECURSOS E MATERIAIS DIDÁTICOS

a) Data *show*; b) *Notebook*; c) Pincel; d) Apagador; e) Quadro branco; f) Cópias da fábula “A abelha chocolateira” (Katia Canton).

6. METODOLOGIA

A aula será expositiva e dialogada. No primeiro momento, por meio de diálogo com a turma, o docente indagará sobre seus conhecimentos prévios sobre as noções conceituais de racismo, preconceito, discriminação racial e racismo estrutural. Para consubstanciar ainda este momento, as docentes entregarão uma folha com as características físicas, para que eles marquem suas características. No final, esta atividade tem como centralidade, dialogar sobre as características físicas e que cada um tem suas peculiaridades e traços, estes, relacionado a negritude e demais dimensões da miscigenação brasileira.

Após, por meio de apresentação em *slide*, as docentes apresentaram alguns dados estatísticos de casos de racismo no Brasil, perguntando aos alunos se já tinham lido e ouvido falar destas bases e sabe o que significa de fato racismo, discriminação racial e racismo estrutural. Como forma de aprofundamento do momento em tela, será exposto a turma o vídeo “*o que é racismo*” elaborado pelo GNT Brasil e o que é “*racismo estrutural*” uma entrevista realizada com Silvio Almeida.

Finalizando a aula na primeira semana e posteriormente ao diálogo mediante aos vídeos, as docentes aplicarão uma atividade de caça palavras que direcionam para expressões racistas, bem como, em ações que podem combater atos racistas, inclusive na área de Ciências.

Na semana seguinte, como forma de introduzir os aspectos da atividade decorrente, as professoras irão difundir uma discussão sobre como são os comportamentos da abelha, o que ela faz e qual é a função da abelha operária na colmeia. A seguir, por meio da entrega e leitura das cópias da fábula “*A abelha chocolateira*” de Katia Canton, acontecerá um diálogo sobre o que os estudantes perceberam sobre as atitudes das abelhas e como se sentiria se estivesse no lugar da abelha Anita, fazendo relações com a temática da aula. Após outras perspectivas que a fábula trás no direcionamento com o tema, as docentes apresentaram o filme “*a coisa tá preta*” de Gabriel Filipe que retrata o racismo velado e explícito e como se manifesta nas mais diversas relações sociais e transforma situações cotidianas.

7. AVALIAÇÃO

O processo avaliativo será realizado de forma contínua, pela participação e envolvimento dos alunos nas aulas e a resolução das atividades propostas durante todos os momentos. Além disso, no final, será realizada uma roda de conversa com os alunos sobre a temática encaminhada no planejamento e sobre as suas concepções de filme.

BIBLIOGRAFIAS

COELHO, Wilma de Nazaré Baía, SILVA, Carlos Aldemir Farias da Silva, SOARES; Nicelma Josenila Brito (Orgs.). **A diversidade em discussão: inclusão, ações afirmativas, formação e práticas docentes**. São Paulo: Livraria da Física, 2016, p. 13-49 (Coleção formação de professores e étnico-raciais).

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e sentidos** - Nova Edição: usos e sentidos. Autêntica; 4ª edição, 2019.

NUNES, Sylvia da Silveira. Racismo no Brasil: Tentativas de disfarce de uma violência explícita. **Psicologia USP**, 2006, 17(1), 89-98, 2006. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v17n1/v17n1a07.pdf>. Acesso em: 20 agos. 2024.

OLIVEIRA JÚNIOR, Waldemar Borges de; ROCHA, Bruna Beatriz da; IVANICKSKA, Rebeca Freitas. **Educação e diversidade: itinerários formativos docentes e trajetórias para a formação cidadã**. Itapiranga: Schreiben, 2022.

OLIVEIRA JÚNIOR, Waldemar Borges de; SILVA, Joaklebio Alves da. **Educação para as Relações Étnico-Raciais e suas múltiplas dimensões no contexto brasileiro**. Itapiranga: Schreiben, 2023.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **História Preta das Coisas: 50 invenções científico-tecnológicas de pessoas negras**. 1.ed- São Paulo; editora Livraria Física, 2021.

ASPECTOS FUNDAMENTAIS SOBRE A RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO AMBIENTE ESCOLAR PÚBLICO

Jusleny Oliveira Silva⁶

Sivonete Ferreira Silqueira⁷

Nathalia Maciel Belfort⁸

Waldemar Borges de Oliveira Júnior⁹

Rafael Casaes de Brito¹⁰

1. IDENTIFICAÇÃO

Disciplina: Ciências da Natureza

Professoras: Jusleny Oliveira Silva; Sivonete Ferreira Silqueira;
Nathalia Maciel Belfort

Escola: Escola Municipal de Ensino Fundamental Teoria do
Conhecimento

Turma: Ensino Fundamental II - 6^o ano

⁶ Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

⁷ Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

⁸ Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

⁹ ⁹ Professor Adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Doutor em Educação em Ciências e Matemáticas (UFPA). É Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais e Ensino de Ciências e Biologia (GEPRREC/UNIFESSPA) e pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais (Núcleo GERA-NEAB/UFPA).

¹⁰ Estudante de Doutorado em Ensino pela Rede Nordeste de Ensino (RENOEN) vinculado ao Programa de Pós Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGen/UESB). Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade (UESB). Membro do Grupo de Pesquisa Ensino, Currículo, e Formação de Professores e pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais e Ensino de Ciências e Biologia da UNIFESSPA (GEPRREC/UNIFESSPA).

Tempo de aula: 4h 30min (duas semanas)

2. OBJETIVO

Apresentar algumas dimensões sobre os povos indígenas e a relação com a branquitude.

3. CONTEÚDOS

a) Conceitos sobre preconceito racial, racismo, povos originários e identidade; b) Aspectos da cultura indígena.

4. UNIDADE TEMÁTICA DA BNCC

Vida e Evolução

5. RECURSOS E MATERIAIS DIDÁTICOS:

a) Computador; b) Caixa de som; c) Data *show*; d) Pincel para pintura; e) Quadro branco; f) Pincel; g) Documentos impressos e dentre outros.

6. METODOLOGIA

A aula será expositiva e dialogada. No primeiro momento (primeira semana de aula), após indagações e questionamentos sobre a temática da aula e os aspectos conceituais que a permeia, será apresentado um vídeo que dialoga sobre a cultura indígena elaborado pelo Brasil Escola e mediado pelo professor João Gabriel. Após estes, será realizada uma roda de conversa com os alunos sobre a cultura indígena e como esta vem sendo marginalizada pela sociedade. Para consubstanciar este momento, as docentes apresentaram dados, fotografias e artes que mostram e direcionam para as perspectivas do tema. No final da aula, será requerido à turma, a elaboração de um texto dissertativo de até 15 linhas sobre

suas concepções da importância de se estudar os povos originários e sua importância para a sociedade brasileira.

No segundo momento (aula na outra semana), o objetivo é apresentar aos alunos, diálogos sobre identidade e cultura. Para tal, será exposto e dialogado um vídeo que exhibe cantos da cultura indígena e poemas sobre a educação indígena. De forma específico, o canto será sobre a os costumes indígenas Gurani Mbya, da Aldeia Sapukai que foi elaborado pelo Projeto Garoupa e Gopala Filmes e os poemas, foi criada pela Márcia Wayna Kambeba. No final da aula, será promovido uma roda de conversa, para que a turma possa relatar sobre as dimensões estudadas, posteriormente, em forma de grupo, os mesmos irão apontar alguns enfoques que ainda consideram pertinente que consideram que a sociedade precisa saber sobre a cultura indígena.

7. AVALIAÇÃO

A avaliação da aula será contínua e formativa. Identificando os envolvimento da turma em cada momento em sala e ainda, na elaboração das atividades no final das aulas.

BIBLIOGRAFIAS

BARROS, José D'Assunção. Música indígena brasileira: filtragens e apropriações do colonizador e do músico ocidental. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 9, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/17316/11893>. Acesso em: 11 set. 2024.

CHIRIBOGA, Oswaldo Ruiz. O direito à identidade cultural dos povos indígenas e das minorias nacionais: um olhar a partir do sistema interamericano. **Revista Internacional de Direitos Humanos**, n. 5, v. 3, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/>

sur/a/xVYbxfpbPwYk6dxB4s3WBr/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 11 set. 2024.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía, SILVA, Carlos Aldemir Farias da Silva, SOARES; Nicelma Josenila Brito (Orgs.). **A diversidade em discussão: inclusão, ações afirmativas, formação e práticas docentes.** São Paulo: Livraria da Física, 2016, p. 13-49 (Coleção formação de professores e étnico-raciais).

OLIVEIRA JÚNIOR, Waldemar Borges de; SILVA, Joaklebio Alves da. **Educação para as Relações Étnico-Raciais e suas múltiplas dimensões no contexto brasileiro.** Itapiranga: Schreiben, 2023.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **História Preta das Coisas: 50 invenções científico-tecnológicas de pessoas negras.** 1.ed- São Paulo; editora Livraria Física, 2021.

SOBRE OS ORGANIZADORES

WALDEMAR BORGES DE OLIVEIRA JÚNIOR

Professor Adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), atuando no Instituto de Estudos do Xingu (IEX) no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Doutor em Educação em Ciências e Matemáticas (UFPA). É Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Étnico-Raciais e Ensino de Ciências e Biologia (GEPRECEC/UNIFESSPA) e pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais (Núcleo GERANEAB/UFPA). É associado da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e a Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC). Têm experiência na área de Educação com ênfase nos seguintes temas: Processo de Ensino e Aprendizagem; Metodologias no Ensino de Ciências e Biologia; Estágio Supervisionado; Formação de professores(as) e Relações Étnico-Raciais no âmbito educacional.

RAFAEL CASAES DE BRITO

Doutorando em Ensino pela Rede Nordeste de Ensino (RENOEN) vinculado ao Programa de Pós Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGEn/UESB), Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade (2022) pelo Programa de Pós Graduação em Relações e Contemporaneidade (PPGREC - UESB/ODEERE). Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2017). Membro do Grupo de Pesquisa Ensino, Currículo, e Formação de Professores e pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações

Étnico-Raciais e Ensino de Ciências e Biologia da UNIFESSPA (GEPRREC/CNPq). Professor de Ciências e Biologia da educação básica da rede pública e privada. Desenvolve pesquisas no campo da Educação Decolonial e intercultural, onde discuti as Relações Étnico-Raciais no Ensino de Ciências e conseqüentemente no seu Currículo.



“Todos nós brasileiros temos que conhecer a história dos africanos que foram escravizados, a história de seus descendentes, a história dos povos indígenas e as histórias de todos os povos que vêm a constituir a nação brasileira”.

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva

